

na sua simpática e agradável dicção» (p. 10), que mostra a habilidade do músico Montemór. Por fim, o tradutor reconhece a necessidade de explorar (leia-se: divulgar para um público mais amplo através de edições acessíveis) o «fundo riquíssimo» (p. 11) da narrativa peninsular, que começa em Bernardim Ribeiro, sem dúvida o mais conhecido, mas se prolonga de Rodrigues Lobo até obras notáveis e injustamente esquecidas como as *Novelas* [dos infortúnios mágicos] da Constante Florinda de Gaspar Pires Rebelo (p. 11).

Marcia Arruda Franco

ANTÓNIO VIEIRA

AS LÁGRIMAS DE HERÁCLITO

Fixação dos textos, introdução e notas de Sonia N. Salomão

São Paulo, Editora 34/2001

À frente do Centro de Estudos António Vieira, em Viterbo, Itália, Sonia Salomão vem-se dedicando ao estudo da obra do jesuíta. A presente edição é parte da pesquisa, ainda em curso, que visa levantar os documentos referentes à segunda estada de Vieira em Roma, a que vai de 21-XI-1669 a 22-V-1675, quando, vendo-se livre do processo movido pelo Santo Ofício de 1663 a 1667, aproveitou a primeira oportunidade que se lhe oferecia para ali buscar apoio à revisão do seu caso.

O *corpus* italiano da obra vieiriana no período supracitado soma vinte sermões, dez em italiano e outros dez em português. Dos primeiros, Sonia Salomão já publicou sete (*Sermone delle stimmate di S. Francesco*, 1672; *Sermone del beato Stanislao Kostka*, 1674; os cinco constituintes de *Le cinque pietre della fionda di David* dedicados, ainda em 1674, à rainha Cristina da Suécia), reunidos no volume *Sermões Italianos*, saído em 1998 sob os auspícios do Centro Studi António Vieira. A investigadora tem notícia de três outros sermões italianos de Vieira (o do *Santíssimo Sacramento*, da *Quinta Terça-Feira da Quaresma*, ambos de 1673, e o das *Cadeias de São Pedro*, 1674), mas ainda não os encontrou.

A este *corpus* italiano da oratória sacra vieiriana soma-se agora a edição bilingue de *As Lágrimas de Heráclito*. Este discurso encontrou-o Sonia Salomão na *Raccolta di alcuni discorsi composti da alcuni insigni oratori della Compagnia di Gesù* (Nápoles, 1709). Localizado o original, a filóloga fixou o texto, rastreou a fonte das citações, enriqueceu-o com notas e com a tradução portuguesa atribuída ao Conde da Ericeira, D. Francisco

Xavier José de Meneses, publicada em 1710 no tomo XIV da *editio princeps* vieiriana.

«As Lágrimas de Heráclito» são um discurso proferido por Vieira em 1674, na Academia Real de Roma, por ocasião de um debate em torno da proposição *O que seria mais razoável, se o riso de Demócrito, que de tudo zombava, ou o pranto de Heráclito, que por tudo chorava*. A oração inicial, em defesa do riso de Demócrito, coube ao jesuíta Girolamo Cattaneo, cujo original italiano, seguido por tradução de Alfrío Cardoso, vem em apêndice, para que possamos comparar os esforços oratórios de um e outro jesuíta.

Na contenda tribunicia de Vieira e Girolamo no palácio da sereníssima Rainha da Suécia, Cristina Alexandra, com a selecta assistência de muitos cardeais e monsenhores entregues ao *otium literatum*, ainda ecoam, já no último quartel do século XVII, ensinamentos da *Ratio Studiorum* de 1591. Sabe-se que essa reelaborada versão da *Ratio* original abriu portas para o Barroco, no âmbito do ensino teórico-prático da Retórica, ao estimular a emulação entre os jesuítas através de discussões (*disputatio*) que, desenvolvendo os temas mais abstrusos, suscitavam a desenfreada busca de engenhosidades subtrís ou estupefacientes, amparadas em provas alimentadas por apotegmas, hieróglifos, símbolos e quejandos.

Não há-de estranhar-se, pois, que em ambas as orações pontifiquem lições retóricas ali hauridas, como a *captatio benevolentiae* na introdução e na conclusão, o recurso à memória bibliográfica que, forrageando argumentos na literatura ou historiografia greco-latina, se põe ao serviço da invenção ou da argumentação. Como o tema, da filosofia natural e suscitado pelos gentios Demócrito e Heráclito, é, ao cabo, profano, não se admite o emprego do conceito predicável, que fez a fama e fortuna da parênese ibérico-barroca.

Mero exercício áulico-retórico para bizantino divertimento de uma plateia culta (na ambivalência que aqui tem o adjectivo), tanto um como outro contendor não estão a defender a convicção de um ponto de vista ou crença. No fundo pouco importava convencer a plateia de quem fora mais razoável ou prudente: se Heráclito a chorar o desconceito do mundo ou Demócrito a rir-se das misérias humanas. A assistência estava ali para se pasinar com a argúcia argumentativa de Vieira ou Girolamo.

Consciente disso, o jesuíta português, apartando-se da opinião comum e invertendo paradoxalmente a proposição do problema, brilhará, na primeira parte de sua oração, mostrando que, na verdade, Demócrito — diafragma lacrimal a antecipar a sátira camiliana — não ria; na verdade, chorava com a boca pelas mazelas mundanas e sociais.

439

4

Revista "Colóquio Letras", 153/160, Jan 2002, pp. 439 - 440.

Deve registrar-se que, na *disputatio*, Girolamo é menos engenhoso que Vieira. Ou por falta de talento ou porque a oratória jesuítica italiana já apontava para o desbastamento racional do neoclassicismo.

Para além da importância de que se reveste o resgate textual do *corpus* italiano da oratória de António Vieira, a bem cuidada edição de Sonia Salomão oferece a quem se interesse por estudos retóricos o ensejo de conhecer as características de uma *disputatio* académica entre o visceral barroco português e o incipiente rococó italiano.

Francisco Maciel Silveira

FRANCISCO TOPA

O MAPA DO LABIRINTO
INVENTÁRIO TESTEMUNHAL DA POESIA
ATRIBUÍDA A GREGÓRIO DE MATTOS

2 vols.

Rio de Janeiro/Salvador, Imago/
/Secretaria da Cultura e Turismo/ 2001

Gregório de Mattos, em abrindo a boca, choviam-lhe versos aos bo-botões. Tal qual uma personagem de *Guerras do Alem e Mangarona*, do não menos barroco António José da Silva, o Judeu. Assim sendo, veja poética em sangria desatada. Gregório espalhou poemas por onde passou, sem contudo publicar um único livro. Seus versos correram manuscritos, dispersos e estropiados em cópias de admiradores, chegando até nós sem garantia de indiscutível autenticidade. Resultado? Não havendo uma edição crítica, conhece-se a produção poética de Gregório pelo traslado de manuscritos espalhados em vários códices, divergentes entre si. Verdade que três grandes esforços visaram divulgar-lhe a obra.

Um, datado de 1882, saído no Rio de Janeiro pela Tipografia Nacional, sob a responsabilidade de A. do Valle Cabral, que, com o título genérico de «Satíricas», recolheu 68 poemas: *Obras Poéticas de Gregório de Mattos Guerra Precedidas da Vida do Poeta pelo Licenciado Manuel Pereira Rebello*. Outro marco importante, por tratar-se da primeira edição de conjunto do poeta baiano, foi, sem dúvida, a edição de Afrânio Peixoto em seis volumes (1929-1933). Na sua esteira, em 1969, James Amado, acrescentando novos poemas, coligiu a produção de Gregório de Mattos em sete volumes, reduzidos a dois numa outra edição datada de 1990. Não obstante meritórios e importantes, estes esforços editoriais apresentam defeitos e limitações decorrentes do facto